

Edith A. MORAVCSIK. *Introducing Language Typology*.
Cambridge: Cambridge University Press. 2013. xiii + 308 pp.
ISBN: 978-0-521-15262-4

João Veloso
jveloso@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

1

Duas perguntas aparentemente contraditórias mas igualmente fascinantes que podemos formular quando estudamos a linguagem são as seguintes: (i) por que é que as línguas diferem tanto em certas propriedades; (ii) por que é que as línguas se assemelham tanto noutras propriedades?

Em linguística teórica, estas questões têm sido alimentadas, desde pelo menos meados do século passado, por programas de investigação como, designadamente, a Gramática Generativa (GG) (nomeadamente, mas não só, no âmbito da Teoria dos Princípios e Parâmetros – cf., p. ex., Chomsky 1981; 1986) e a Teoria da Otimidade (TO) (cf., p. ex., Prince & Smolensky 2004), através de propostas, respetivamente, como a de uma *gramática universal* (GU) parametrizada de língua para língua ou a de um conjunto de restrições também universais mas hierarquizadas de forma singular pela gramática particular de cada língua.

Independentemente do quadro teórico adotado – e de outras vias para se alcançar a caracterização da GU –, um dos caminhos para se poder chegar a uma perspetiva das estruturas linguísticas que ultrapasse a mera descrição das gramáticas particulares para se poder atingir um conhecimento das propriedades “universais” ou, no mínimo, regulares e recorrentes numa grande diversidade de línguas tem consistido na descrição e comparação do maior número possível de línguas individualizadas¹.

A ideia, um tanto utópica, da construção de uma “tabela periódica dos universais linguísticos” (cf. Baker 2001; Kirby, Smith & Brighton 2007: 118 ss.) não tem dispensado, mesmo no paradigma generativo, esta busca

* FCT, PEst-OE/LIN/UI0022/2014.

¹ Para uma discussão de outras metodologias de acesso à GU, veja-se, a título de exemplo, o estudo de Evans & Levinson (2009).

aprofundada de propriedades estruturais recorrentes em línguas, grupos e famílias de línguas. Trabalhos de diferentes orientações teóricas, como Greenberg (1966), Greenberg, Ferguson & Moravcsik (Eds., 1978), Croft (1990), Haspelmath (2001), entre outros, têm-no demonstrado. No mesmo sentido, esta via tem sido reforçada por resultados como, p. ex., os dos projetos dirigidos por M. Haspelmath no Departamento de Linguística do Instituto Max-Planck de Antropologia Evolutiva de Leipzig².

2

A disciplina que presentemente se ocupa da identificação e sistematização das propriedades que caracterizam e individualizam línguas e grupos de línguas, olhando unicamente às propriedades estruturais que se repetem de forma regular de língua para língua, independentemente de estas descenderem ou não de uma mesma protolíngua e/ou de partilharem ou não, do ponto de vista extralinguístico, de circunstâncias geográficas, sociais, culturais ou históricas que as aproximem (ou afastem) de forma especial, é a **tipologia linguística** (TL). O objetivo principal deste ramo dos estudos linguísticos ultrapassa o nível da simples identificação e inventariação de tais propriedades, embora aí resida também um dos fins a que a TL procura dar seguimento. O seu principal desígnio, porém, consiste em agrupar línguas em categorias – **tipos de línguas** – em função unicamente da partilha de características gramaticais comuns (e, conforme dissemos, independentemente de eventuais laços genéticos entre línguas tipologicamente aparentadas), designadas, neste contexto, como **propriedades tipológicas**.

De certa forma descendente dos estudos comparatistas e “filogenéticos” do século XIX, devido ao esforço de descrição e comparação de gramáticas particulares³, a tipologia linguística é uma disciplina da maior importância

² De entre estes, merece especial destaque a base de dados WALS – *The World Atlas of Linguistic Structures*, com edição impressa (Haspelmath et al. (Eds.) 2005) e eletrónica (permanentemente atualizada), graças à qual é possível fazer buscas simples e cruzadas, num elevado número de línguas do planeta, de diversos traços linguísticos (morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, fonológicos, etc.), com descrições e exemplificações das propriedades procuradas e a identificação e localização precisas das línguas que respondem a tais propriedades. Cf.: <http://www.eva.mpg.de/linguistics/staff/martin-haspelmath/http://wals.info/>

³ No entanto, torna-se obrigatório firmar uma distinção verdadeiramente fundamental entre (i) a gramática histórico-comparada oitocentista – prioritariamente centrada na identificação de parentescos genéticos motivados pela partilha, entre línguas, de uma protolíngua comum – e (ii) a TL contemporânea, que agrupa línguas em “tipos linguísticos” em função da identificação de propriedades estruturais (“tipológicas”) na maior parte dos casos totalmente independentes de parentescos genéticos.

para a compreensão das questões centrais relativas à linguagem e às línguas. A sua afirmação e crescimento atuais são comprovados, p. ex., por uma bibliografia profícua (cf., entre outros: Dressler 1979; Hammond 2006; Blevins 2007; Hyman 2007) e pela vitalidade de associações como a *Association for Linguistic Typology*⁴ e de publicações como a revista *Linguistic Typology*⁵.

3

É no contexto do interesse e da produtividade da TL como área de investigação em linguística que surge o livro aqui em apreço, um manual universitário publicado numa coleção de introduções especializadas a diversas áreas da linguística (“Cambridge Introductions to Language and Linguistics”). A autora, professora emérita da Universidade de Wisconsin-Milwaukee, distinguiu-se, ao longo da sua carreira, como uma linguista eminente graças a uma lista muito extensa de publicações e cursos sobretudo na área da sintaxe e dos universais linguísticos.

Logo no prefácio, a autora assume que o livro não se destina somente a linguistas, podendo ser uma fonte de estudo e conhecimento para interessados por diversas áreas e domínios e estando ao alcance, em seu entender, de qualquer académico com conhecimentos muito básicos de linguística geral e sem um conhecimento de mais do que uma língua (p. ix). Trata-se, ainda segundo a autora, de uma obra descomprometida teoricamente, não se alinhando com nenhuma das correntes que, em TL como em qualquer outro domínio científico, concorrem com visões alternativas ou complementares dos problemas considerados. Neste sentido, Edith A. Moravcsik destaca ainda a prioridade dada, ao longo de todo o livro, aos dados – nas suas várias dimensões (fonológica, morfológica, sintática, etc.) e à sua análise em detrimento da discussão teórica que diferentes interpretações de dados poderiam sustentar (p. ix).

Partindo desta orientação geral, o livro segue a estrutura seguinte. Antes do texto propriamente dito, o leitor encontrará: um índice geral (“Contents”), pp. v-vi; um índice de figuras (“Figures”), p. vii; um prefácio, da própria autora (“Preface”), pp. ix-x; os créditos de publicações anteriores (“Copyright permissions”), p. xi; uma lista de abreviaturas (“Abbreviations”), pp.

⁴ <http://www.linguistic-typology.org/>

⁵ <http://www.linguistic-typology.org/journal.htm>

xii-xiii. O conteúdo académico mais substancial da obra reparte-se por sete capítulos: 1 – “What is language typology?” (pp. 1- 23); 2 – “The worlds of words. Lexical typology” (pp. 25-63); 3 – “Assembling words. Syntactic typology” (pp. 65-107); 4 – “Disassembling words. Morphological typology” (pp. 109-147); 5 – “The sounds of languages. Phonological typology” (pp. 149-191); 6 – “Language in flux. Typologies of language change” (pp. 193-242); 7 – “Explaining crosslinguistic preferences” (pp. 243-275). O volume termina com um índice das línguas mencionadas (“Languages mentioned” pp. 277-280), um glossário (“Glossary”, pp. 281-282), a lista de referências bibliográficas (“References”, pp. 283-293), um índice temático (“Subject index”, pp. 295-301), um índice remissivo das línguas citadas ao longo do texto (“Language index”, pp. 303-306) e, a terminar, um índice remissivo dos autores citados (“Authorindex”, pp. 307-308).

Refira-se desde já que cada um dos sete capítulos principais do livro inclui, na primeira página, um pequeno resumo e uma lista dos principais conceitos e termos a apresentar e termina com um novo sumário, uma série de exercícios de aplicação dos conteúdos trabalhados e uma lista muito sintética com sugestões de leitura para aprofundamento dos tópicos tratados, o que se coaduna com o carácter introdutório assumido pela obra em apreço.

Nestas apreciações gerais, não podemos deixar de fazer um reparo ao que pode ser visto como uma lacuna da obra: relativamente ao português, estranhámos a total ausência de dados relativos a esta língua ao longo de todo o livro. Com efeito, lendo o texto e consultando os índices de línguas inseridos no final do volume, verificamos que os contributos da linguística portuguesa para a caracterização de uma língua com a projeção e as idiossincrasias do português numa obra de introdução à tipologia linguística, sendo completamente ignorados, de certa forma limitam o acesso a informação que poderia completar o conhecimento dos leitores acerca de propriedades do português com impacto nos estudos tipológicos, o que nos parece ser uma ausência que, de certa forma, pode comprometer o alcance da obra em análise.

De um ponto de vista eminentemente teórico, os capítulos porventura mais interessantes do livro serão o primeiro, dedicado precisamente à definição

do que é a TL e à circunscrição do seu campo epistemológico, o sexto, que se ocupa de um assunto relativamente recente – a tipologia das mudanças linguísticas, que serão a génese das próprias diferenças tipológicas maiores entre as línguas –, e o sétimo, que procura ir além da pura enumeração das principais diferenças tipológicas constatadas, concentrando-se numa tentativa de *explicação* das principais tendências tipológicas registadas nas línguas do mundo.

Os restantes capítulos, como dissemos, reúnem informação muito pertinente sobre os principais padrões de variação tipológica nos diversos níveis gramaticais identificados nas línguas contempladas pela investigação em que se baseia a obra em análise.

Na secção seguinte, faremos uma resenha sumária do conteúdo de cada um dos capítulos do livro, respeitando a ordem sequencial por que nos são dados ao longo do texto.

5

No primeiro capítulo (“What is language typology?”, pp. 1-23), a autora explora as questões de partida da TL. Com exemplos lexicais e frásicos de diversas línguas, a autora condensa as questões iniciais com que iniciámos estas notas de leitura numa frase que é dada como o ponto de partida da TL – “The fact that languages are both different and similar is a puzzle.” (p. 2)

Acompanhando sempre a sua exposição com a apresentação e explicação de exemplos em diversas línguas, a autora isola algumas causas para a variedade linguística atestada e, simultaneamente, para a possibilidade de agruparmos as línguas em categorias *tipologicamente aparentadas*: os parentescos genéticos entre línguas, o contacto entre línguas, a partilha de contextos culturais entre comunidades de falantes de línguas diferentes, os *tipos linguísticos* e os *universais linguísticos* (pp. 4-5). Para a defesa da importância particular destas duas últimas causas, a autora sublinha a necessidade de se proceder à análise das estruturas linguísticas profundas – por exemplo, na ordem e relação estabelecidas entre Cabeça e Dependente de uma estrutura –, mais esclarecedora do que uma análise mais “superficial”, como a ordem linear dos constituintes frásicos, por exemplo. Nas pp. 10 e ss. do capítulo, a autora apresenta alguns procedimentos metodológicos seguidos em TL para a identificação de tipos linguísticos e para o estabelecimento de relações tipológicas entre línguas,

como, p. ex., o estabelecimento de relações implicacionais entre universais linguísticos (pp. 10-17) e a constituição de bases de dados e amostras significativas (pp. 17-20). A este respeito, parece-nos interessante pôr aqui em destaque a seguinte reflexão da autora: estimando-se que a linguagem tenha aparecido na espécie humana há cerca de 50.000 anos aproximadamente e que, desde o aparecimento desta faculdade, se tenham extinto já perto de 233.000 línguas, as 7.000 línguas faladas nos dias de hoje correspondem apenas a cerca de 3% de todas as possibilidades combinatoriais de construção de gramáticas naturais, não se tendo em conta o número imprevisível de línguas que ainda possam vir a surgir no futuro (p. 17). Ainda assim, destas 7.000 línguas, só cerca de um terço se encontram cientificamente descritas, de acordo com Bakker (2011) (p. 17). Assim sendo, como legitimar qualquer conclusão com pretensões de se aplicar a *todas* ou a um *número* de línguas *representativamente grande* (p. 17)? A resposta a esta interrogação de base, que constitui um tema de debate muito interessante em linguística geral e teórica, é a que encontramos normalmente neste tipo de reflexões: um esforço de exaustividade e de representatividade na seleção dos dados a considerar é uma forma aceitável – porventura **a** forma mais legítima, à luz dos pressupostos atuais da linguística descritiva – de suprir a referida lacuna (pp. 17-18).

As reflexões da autora sobre este tópico, da maior pertinência, são continuados com a enumeração de alguns critérios para a constituição das amostras de línguas, que devem cobrir todas as famílias genéticas existentes, a maior diversidade geográfica possível e o maior número possível de línguas anteriormente testadas em estudos tipológicos para aproximação ou afastamento em relação a determinadas propriedades gramaticais (pp. 18-19). Estes procedimentos, de acordo com os princípios da TL, embora não possam ser vistos como inteiramente infalíveis, são aqueles que correspondem ao padrão metodológico mais aceitável face aos conhecimentos atuais:

“Given that our knowledge of the entire set of human languages, past, present, and future, is only **partial** and unavoidably so, **our universal statements are mere hypotheses whose validity can never be proven**. This holds regardless of whether the statement is absolute or statistical: the next language may be a counterexample to an absolute statement or may change the probabilities of a statistical one. **They must be viewed as best-possible guesses. They involve extrapolations from what is KNOWN about SOME languages onto what ALL languages MIGHT be like.**” (p. 19; negritos nossos).

Nos capítulos seguintes, dedicados às recorrências tipológicas de base lexical, morfológica, sintática, semântica e fonológica, a autora reúne exemplos e comentários abundantes que revisitam tópicos clássicos neste tipo de abordagens, como, a título exemplificativo, os nomes das partes do corpo (pp. 31 ss.), as designações dos graus de parentesco (pp. 34 ss.), os sistemas dos pronomes pessoais (pp. 39 ss.), os sistemas dos numerais (pp. 45 ss.), os nomes das cores (pp. 56 ss.), a ordem dos constituintes sintáticos e dos papéis temáticos na frase (pp. 69 ss.), a quantificação e determinação (pp. 83 ss.), as classes de palavras (pp. 101 ss.), os processos de formação de palavras (pp. 110 ss.), os inventários fonémicos (pp. 153 ss.), os sistemas de escrita (pp. 176 ss.), etc..

Como dissemos antes, os dois capítulos finais retomam questões que ultrapassam o domínio mais descritivo dos capítulos que acabamos de resenhar, dado que se procura encontrar uma explicação mais abstrata, de certa forma, para as semelhanças e dissemelhanças tipológicas descritas pela TL e sobejamente apresentadas nos capítulos precedentes. No capítulo 6 – “Language in flux. Typologies of language change”, pp. 193-242 –, a autora ocupa-se fundamentalmente não de tipos de estruturas linguísticas atestadas, mas de tendências nas mudanças a que as línguas são sujeitas. Logo no sumário inicial do capítulo (p. 193), são identificados três níveis de mudança linguística: aquisição, uso e evolução histórica, relativamente aos quais, segundo a autora, é possível identificar “crosslinguistically recurrent patterns” (p. 193). Neste âmbito, ao longo do capítulo é prestada atenção, entre outros, a dois eventos históricos que, de acordo com Moravcsik, permitem reagrupar as línguas em categorias tipológicas diferenciadas: (i) a génese dos artigos (pp. 195 ss.) e (ii) a alteração da ordem das palavras (pp. 201 ss.), considerada um dos fatores mais marcantes na determinação de fronteiras tipológicas entre línguas e estádios de língua.

O sétimo e último capítulo da obra – “Explaining crosslinguistic preferences”, pp. 243-275 – assume, logo no sumário e nas páginas iniciais, o seu pendor claramente teórico, ao propor-se encontrar *explicações* para as diferenças tipológicas. A autora começa por discutir o interesse e o próprio conceito de *explicação* (pp. 244 e ss.) e relaciona, nesta discussão, as dimensões sincronia/diacronia, diacronia/aquisição/uso, aquisição/uso/função, fazendo ainda apelo a questões clássicas como relação parte/todo,

dependência, *types* e *tokens*, marcação, linearização, simbolismo, iconicidade, imitação, simplificação estrutural e conflito de restrições. Trata-se de um capítulo onde se encerram não só reflexões de índole filosófica sobre a natureza da TL, mas sobre a natureza da própria linguagem e do seu estudo a qualquer nível, e onde a autora, devido à “ambição” das interrogações epistemológicas fundamentais aqui traçadas, admite que “both the UG [= Universal Grammar] approach and the functional one offer functional explanations since they both assume some goals – cognition and/or communication – and also some tools. They differ only regarding the nature of the tool they posit: whether all of them are domain-general or whether some are domain-specific” (p. 271).

Reservando espaço para reflexões desta natureza, esta obra mostra bem o seu alcance teórico – relativizando um pouco as observações iniciais da própria autora, acima referidas, que pretendiam apresentar o livro como o mais liberto possível de filiações ou discussões de âmbito mais teórico. Na verdade, estamos perante um livro que vai bastante além de uma mera introdução escolar a uma matéria, podendo ser lido não só como uma “introdução” à TL, mas também como uma introdução à própria natureza das línguas na relação com a faculdade da linguagem e ao seu estudo científico.

6

Por todas as qualidades realçadas ao longo destas notas de leitura, estamos, em nosso entender, na presença de uma das mais importantes publicações em linguística dos últimos anos. Estamos perante um livro que contém ensinamentos, orientações e conteúdos muito úteis para todos os professores, investigadores e estudantes de linguística com um interesse mais direcionado para as grandes questões fundamentais da linguística geral e teórica. *Introducing Language Typology*, de Edith A. Moravcsik, será sem dúvida um *companion* imprescindível para os estudiosos da TL, mas lê-lo-á também, com o maior proveito, para todos os interessados noutras áreas da linguística descritiva e teórica.

REFERÊNCIAS

- Baker, M. C. 2001. *The Atoms of Language: The Mind's Hidden Rules of Grammar*. New York: Basic Books.
- Bakker, D. 2011. Language sampling. In: J. J. Song (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 100-127. Citado por Moravcsik, E. A. 2013. *Introducing Language Typology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Blevins, J. 2007. The importance of typology in explaining recurrent sound patterns. *Language Typology*.11: 107-113.
- Chomsky, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger. Trad. port.: A. Gonçalves, A. T. Alves. *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- Croft, W. 1990. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dressler, W. U. 1979. Reflections of phonological typology. *Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae*. 29(3-4): 259-273.
- Evans, N. & Levinson, S. C. 2009. The myth of language universals: Language diversity and its importance for cognitive science. *Behavioral and Brain Sciences*. 32: 429 –492.
- Greenberg, J. 1966. *Language Universals: With Special Reference to Feature Hierarchies*. The Hague: Mouton.
- Greenberg, J., Ferguson, C. A. & Moravcsik, E. A. (Eds.). 1978. *Universals of Human Language: Word structure*. Stanford CA: Stanford University Press.
- Hammond, M. 2006. Phonological Universals. *Encyclopedia of Language & Linguistics (Second Edition)*. Amsterdam: Elsevier, 525-531.
- Haspelmath, M. 2001. *Language Typology and Language Universals: An International Handbook. Volume 1*. Berlin: De Gruyter.
- Haspelmath, M. et al. (Eds.). 2005. *The world atlas of language structures*. Oxford: Oxford University Press.
- Hyman, L. M. 2007. Where's phonology in typology? *Language Typology*.11: 265-271
- Kirby, S., Smith, K. & Brighton, H. 2007. From UG to Universals. Linguistic adaptation through iterated learning. In: M. Penke, A. Rosenbach (Eds.). *What Counts as Evidence in Linguistics: The Case of Innateness*. Amsterdam: John Benjamins, 587-607.
- Prince, A. & Smolensky, P. 2004. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Cambridge: Blackwell.

